

Arquivo Complementar

Anais do II Congresso Internacional de Saúde Única (Interface Mundial) Online



Apoio:



Sumário

SOBRE O EVENTO	105
Organizadores do Evento	106
Programação	107
APRESENTAÇÃO	111
Resumos Expandidos	112
Título: A estigmatização e o preconceito enfrentado pelos portadores de hanseníase e suas implicações na saúde física e emocional dos pacientes	112
Título: Ensinar é aprender: a monitoria em anatomia humana como ferramenta de formação médica - experiência nas turmas 2019	115
Título: Hepatites Virais no Brasil: uma análise dos indicadores epidemiológicos das morbidades de 2006 a 2018	118
Título: Perfil epidemiológico dos acidentes de trabalho com exposição a material biológico no Estado de Pernambuco em 2019.....	121
Título: Potencial do uso de antocianinas no tratamento da COVID-19: uma revisão sistemática	124
Título: Perfil Epidemiológico da Paralisia Flácida Aguda no município de Belém, entre os anos de 2015 e 2019.....	127
Título: Análise da efetividade de fotoprotetores na prevenção de câncer de pele melanoma e não melanoma	131
Título: Atresia esofágica: desafio no diagnóstico ultrassonográfico e complicações em longo prazo	134
Título: Alternativa terapêutica para o tratamento de micetoma por actinomadura spp com o objetivo de minimizar risco de lesão renal em paciente suscetível	137
Título: Osteossíntese de fratura complexa de mandíbula: estudo de caso	139
AGRADECIMENTOS	141

SOBRE O EVENTO

Através do conceito da saúde única, o II Congresso Internacional de Saúde Única (Interface Mundial) Online – II CIDSU, apresenta uma oportunidade de integrar os conhecimentos e experiências entre a saúde animal, humana e ambiental. Fazendo com que esse conhecimento integrado possibilite maiores ganhos, no âmbito científico. O evento teve o objetivo de criar um ambiente de aprendizado e discussão científica integrando as diferentes interfaces na área de saúde única. O tema central foi Tecnologia e inovação em saúde, uma visão translacional.

O evento teve início às 08:00 horas da manhã do dia 31 de outubro de 2020 e terminou no dia 08 de novembro de 2020 às 18:00 horas. O evento foi online, por isso, as palestras foram gravadas previamente e foram ao ar em horários pré-determinados, seguindo a programação do evento.

Os palestrantes também se disponibilizaram em ferramentas online para retirar dúvidas dos congressistas. Além de palestras, também foram oferecidos minicursos online e submissão de trabalhos que foram submetidos e avaliados pela comissão científica do evento. Alguns destes trabalhos foram selecionados para comunicação oral com Menção Honrosa. O evento foi muito enriquecedor cientificamente e pessoas de todo o país e até de outros países participaram.

Organizadores do Evento

Presidência/Diretoria

Ana Carolina Messias de Souza Ferreira da Costa (Presidente).

Francisco Ferreira da Costa de Souza

Marconi Rego Barros Júnior

Maria Luiza Carneiro Moura Gonçalves

Renata Janaína Carvalho de Souza

Comissão Científica

- **Coordenadores científicos:**

Ana Carolina Messias de Souza Ferreira da Costa

Renata Janaína Carvalho de Souza

- **Integrantes da comissão científica:**

Edenilze Teles Romeiro

Francisco Ferreira da Costa de Souza

Marconi Rego Barros Júnior

Maria Luiza Carneiro Moura Gonçalves

Estrutura Administrativa

Ana Carolina Messias de Souza Ferreira da Costa

Ana Tamires Alves dos Santos

David Pablo Cavalcanti da Fonseca

Francisco Ferreira da Costa de Souza

Marconi Rego Barros Júnior

Maria Luiza Carneiro Moura Gonçalves

Renata Janaína Carvalho de Souza

Programação

Dia 1 – 31/10/2020				
Horário	Evento			
08:00 – 12:00	Minicurso	Aromaterapia aplicada a cosméticos Inteligentes: Hands on	Renata Janaína Carvalho de Souza	Online
Dia 2 – 01/11/2020				
08:00 – 12:00	Minicurso	Microagulhamento: Otimizando Resultados na Estética	Maria Luiza Carneiro Moura Gonçalves Rego Barros	Online
08:00 – 12:00	Minicurso	Exames Laboratoriais para cursos de Saúde	Hortência Farias de Andrade	Online
Dia 3 – 06/11/2020				
Horário	Evento			
08:00 – 08:30	Palestra	Mesa de Abertura do II CIDSU	Maria Luiza Carneiro Moura Gonçalves Rego Barros e Renata Janaína Carvalho de Souza	Online
08:30 – 09:30	Palestra	Saúde Única: conceito, pesquisa, ensino e estudo de caso.	Nathiel de Sousa Silva	Online
09:30 – 10:30	Palestra	Eletroterapia aplicada a tratamento estético		Online
11:00 – 12:00	Palestra	Diagnóstico e Caracterização genética de <i>Toxoplasma gondii</i>	Débora Costa Viegas de Lima	Online
12:00 – 13:00	Coffee Break			

13:00 – 14:00	Palestra	Movimento Translacional da pesquisa científica no âmbito de modelos de animais.	Suênia Marcelle Vitor de Lima	Online
14:00 – 15:00	Palestra	Perspectivas translacionais da Psicologia sobre a violência de Gênero	Railma Valéria Dantas Pereira	Online
15:00 – 16:00	Palestra	Envelhecimento na perspectiva da Saúde Única	Cidianna Melo Emanuely do Nascimento	Online
17:30 – 18:30	Palestra	Inovações Tecnológicas na saúde Estética	Maria Luiza Carneiro Moura Gonçalves Rego Barros	Online
19:00 – 20:00	Palestra	Atuação dos psicobióticos no tratamento de doenças neurológicas	Amanda Rafaela Carneiro de Mesquita	Online
20:00 – 21:00	Palestra	Tratamento Cirúrgico da Obesidade Severa: indicações e técnicas	Ivan Gregório Ivankovics	Online
Dia 4 – 07/11/2020				
Horário	Evento			
08:00 – 09:00	Palestra	Aplicação de Realidade Aumentada em método baseado na WEB para marcação individual de animais dentro do sistema de produção	Gil Ayres Menezes	Online
09:00 – 10:00	Palestra	Desenvolvimento tecnológico em fitoterápicos e fitocosméticos	Renata Janaína Carvalho de Souza	Online
10:30 – 11:30	Palestra	Biotecnologia de alimentos e a inserção de compostos bioativos	Erika de Arruda Nascimento	Online

		em produtos alimentícios		
11:30 – 12:30	Palestra	Nutrição e os fundamentos das ferramentas ômicas: Principais tipos de técnicas adotadas à pesquisa em Nutrição	Silvia Rafaelli Marques	Online
12:30 – 13:30	Coffee Break			
13:30 – 14:30	Palestra	Visão Translacional em oncologia		Online
14:30 – 15:30	Palestra	Técnicas Biomoleculares no diagnóstico Laboratorial da Leucemia Mielóide Aguda (LMA)	Vinicius Santos Vilas Boas	Online
16:00 – 17:00	Palestra	A importância das enzimas no diagnóstico clínico	Hortência Farias de Andrade	Online
18:30 – 19:30	Palestra	Reconstrução da Órbita utilizando Técnicas Operatórias e Biomateriais numa perspectiva atual	Martinho Dinoá Medeiros	Online
20:00 – 21:00	Palestra	Abordagem da primeira Crise Convulsiva	Mário L. Melo	Online
Dia 5 – 08/11/2020				
Horário	Evento			
09:00 – 10:00	Palestra	O Exame de Papanicolau na Investigação da Infertilidade	Marconi Rego Barros	Online
10:00 – 11:00	Palestra	Benefícios da Endoscopia Digestiva e Colonoscopia	Brian França	Online

11:00 – 12:00	Palestra	Atuação da fisioterapia na dor crônica e suas distorções cognitivas	Pedro Alves de Oliveira Neto	Online
12:00 – 13:00	Coffee Break			
13:00 – 17:00	Apresentação de trabalhos		Congressistas	Online
17:00 – 18:00	Palestra	Mesa de Encerramento do II CIDSU	Maria Luiza Carneiro Moura Gonçalves Rego Barros; Renata Janaína Carvalho de Souza; Ana Carolina Messias de Souza Ferreira da Costa	Online

APRESENTAÇÃO

Considerando a situação atual, onde as pessoas precisam manter o distanciamento social, em decorrência da pandemia causada pela Covid-19, o II Congresso Internacional de Saúde Única (Interface Mundial) Online – II CIDSU trouxe a possibilidade de estudantes e profissionais da área da saúde assistirem palestras gravadas, de profissionais qualificados e atualizados, de diversas áreas da saúde e meio ambiente, com interação entre palestrantes e congressistas, em formato online. Proporcionando a disseminação do conhecimento sob o contexto da saúde única, que se destaca como uma integração de saberes da saúde animal, humana e ambiental.

Sendo de grande importância analisar e entender o todo para garantir a promoção da saúde, com a colaboração dos diversos profissionais das áreas da saúde humana e animal e dos profissionais da área ambiental. Participaram do evento, estudantes de graduação e pós-graduação e profissionais da saúde e meio ambiente.

Onde também foi possível realizar submissões de resumos expandidos, nas diversas áreas da saúde, com temáticas que tratam sobre o bem-estar animal, humano e ambiental.

Este arquivo complementar traz 10 resumos expandidos, nas categorias de estudo original, revisão bibliográfica, estudo de caso e relato de experiência. A avaliação dos trabalhos levou em consideração originalidade, clareza na exposição das ideias, fundamentação teórica, adequação da metodologia ao tema proposto e coerência dos resultados apresentados. O congresso trouxe, de forma integrada, assuntos importantes para a saúde e bem-estar de humanos e animais e meio ambiente.

Resumos Expandidos

RESUMO EXPANDIDO: Revisão Bibliográfica

Título: A estigmatização e o preconceito enfrentado pelos portadores de hanseníase e suas implicações na saúde física e emocional dos pacientes

Autor/coautores: Flávia Cerqueira Pacheco, Andressa Rállia Aquino Soares.

Instituição: Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas-Tocantins, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife-Pernambuco.

Palavras-chave: Hanseníase, Estigma Social, Saúde.

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença crônica infectocontagiosa, com alta infectividade e baixa patogenicidade, que apresenta melhor prognóstico se tratada em fase inicial. No Brasil, a doença é endêmica e apresenta-se como problema de saúde pública. A perpetuação dessa enfermidade, uma das mais antigas da humanidade, está atrelada à fragilidade das ações de controle da hanseníase, à estigmatização histórica da doença, ao preconceito enfrentado pelos indivíduos diagnosticados com o bacilo *Mycobacterium leprae* e à desigualdade do acesso aos serviços de saúde (SILVA MCD e PAZ EPA, 2017).

O estigma e preconceito entre as pessoas com hanseníase, portanto, contribui para o comprometimento do diagnóstico precoce e tratamento em tempo hábil, o que acarreta danos à saúde física e psicológica do portador do bacilo, como incapacidades físicas, lesões neurológicas e cutâneas, redução da qualidade de vida e prejuízos à vida social, familiar e laboral (SILVA J, et al., 2019). Além disso, a hanseníase está, muitas vezes, associada a condições socioeconômicas desfavoráveis, o que dificulta o acesso aos serviços de saúde e contribui para a detecção tardia, abandono do tratamento e consequências físicas e emocionais à saúde dos pacientes (SILVA LMA e BARSAGLINI RA, 2019).

OBJETIVO

Revisar sistematicamente artigos científicos que discorrem sobre a influência da estigmatização e do preconceito enfrentados pelos portadores da hanseníase e analisar suas implicações na saúde física e emocional dos pacientes.

MÉTODO

Trata-se de revisão sistemática da literatura realizada por meio da base de dados eletrônica SciELO, referência para publicações nacionais e internacionais. Para esta pesquisa foram utilizadas as palavras-chave “hanseníase” e “estigma”. Inicialmente, foram encontrados 34 documentos. Para selecionar os artigos

científicos que compõem este estudo, fez-se a leitura das publicações para eleger a literatura por meio de critérios de inclusão e exclusão. Incluiu-se os artigos originais publicados entre 2017 e 2020, provenientes de estudos desenvolvidos no Brasil, com publicação em língua portuguesa ou inglesa. Excluiu-se artigos de revisão da literatura, relatos de experiência e estudos que não contemplassem o objetivo desta pesquisa. Após a adoção desses critérios, 6 artigos compuseram a amostra final para a realização desta revisão.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Com base nos estudos analisados, verificou-se a influência da estigmatização e do preconceito enfrentados pelos portadores da hanseníase e suas implicações na saúde física e emocional. Ademais, observou-se os efeitos dos estigmas da doença sobre o diagnóstico, tratamento e cura dos pacientes, o que acarreta o diagnóstico tardio, abandono do tratamento e manifestações de incapacidades físicas, além de alterações que repercutem na vida pessoal, conjugal, social e laboral dos doentes, acarretando a amplificação das disparidades socioeconômicas e dos preconceitos contra os indivíduos com hanseníase (SILVA LMA e BARSAGLINI RA, 2019; NEIVA RJ e GRISOTTI M, 2019).

Verificou-se que muitos profissionais da saúde que atuam na Atenção Primária à Saúde (APS), influenciados pelo estigma e preconceito que circundam a doença, têm receio do contágio no atendimento à pessoa com hanseníase e, portanto, não costumam adotar estratégias de fortalecimento de vínculo com os pacientes, o que contribuiu para o abandono do tratamento e o aparecimento de complicações decorrentes do bacilo (SILVA MCD e PAZ EPA, 2017).

Atividades de educação em saúde destinadas à população promovem conhecimento sobre a profilaxia de complicações da hanseníase e sobre os locais de diagnóstico e tratamento da doença. Contudo, não foi verificada redução significativa das atitudes de exclusão das pessoas com essa enfermidade (FEITOSA M, et al., 2019). Assim, a permanência da segregação dos doentes pode contribuir para a ratificação de seu contexto socioeconômico desfavorável e para a dificuldade de acesso aos serviços de saúde para tratamento e reabilitação (SILVA J, et al., 2019; MORGADO F, et al., 2017).

DISCUSSÃO

A hanseníase atinge predominantemente pessoas pertencentes a grupos sócio-historicamente marginalizados. Dessa maneira, a dificuldade de acesso aos serviços de APS, responsáveis pelo diagnóstico, tratamento e reabilitação da doença, é explicada pelo fato de essas unidades de saúde estarem concentradas majoritariamente em grandes centros urbanos, dificultando o acesso da população mais vulnerável à hanseníase (MORGADO, F, et al., 2019). Logo, o estigma e o preconceito sofrido pelos portadores da doença geram reflexos negativos em sua saúde física e emocional, seja pelo diagnóstico tardio, abandono do tratamento, seja pela exclusão do paciente de meios sociais, culturais, familiares e laborais (NEIVA RJ e GRISOTTI M, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o controle da hanseníase e redução de preconceitos e seus efeitos negativos sobre a saúde física e psicológica dos indivíduos diagnosticados com o bacilo, são necessárias medidas efetivas de controle da doença, como a promoção de educação em saúde da população para reduzir a estigmatização e incidência da enfermidade, educação continuada dos profissionais da saúde para o fortalecimento do vínculo com os pacientes e quebra de preconceitos, planejamento dos gestores para o desenvolvimento de ações de controle

da hanseníase e maior acesso aos serviços de saúde por parte da população marginalizada, por meio da regionalização do atendimento.

REFERÊNCIAS

1. FEITOSA M, et al. Validação de tecnologia educacional brasileira para disseminação do conhecimento sobre hanseníase para adolescentes. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, 2019; 72(5), 1333-1340.
2. MORGADO, F, et al. Adaptação transcultural da EMIC Stigma Scale para pessoas com hanseníase no Brasil. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, 2017; 51: 80.
3. NEIVA RJ, GRISOTTI M. Representações do estigma da hanseníase nas mulheres do Vale do Jequitinhonha-MG. *Physis*, Rio de Janeiro, 2019; 29(1): e290109.
4. SILVA J, et al. Variáveis clínicas associadas ao grau de incapacidade física na hanseníase. *Rev Cuid*, Bucaramanga, 2019; 10(1): e618.
5. SILVA LMA, BARSAGLINI RA. “A reação é o mais difícil, é pior que hanseníase”: contradições e ambiguidades na experiência de mulheres com reações hansênicas. *Physis*, Rio de Janeiro, 2018; 28(4): e280422.
6. SILVA MCD, PAZ EPA. Experiências de cuidado dos enfermeiros às pessoas com hanseníase: contribuições da hermenêutica. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, 2017; 30(4): 435-441.

RESUMO EXPANDIDO: Relato de Experiência

Título: Ensinar é aprender: a monitoria em anatomia humana como ferramenta de formação médica - experiência nas turmas 2019

Autor/coautores: Katyana Medeiros de Araújo, Laura Luísa de Carvalho Cruz, Leticia de Freitas Barradas, Raimundo Gabriel do Nascimento Lira, Fernando Vagner Lobo Ladd.

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal Rio Grande do Norte

Palavras-chave: Anatomia, Educação médica, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O programa de monitoria é um ambiente de florescimento do processo de ensino-aprendizagem entre monitores e alunos de medicina. Essa atividade aperfeiçoa o processo de formação profissional além de melhorar a qualidade do ensino em anatomia, fomentando o aprofundamento do conhecimento teórico-prático. Ademais, a monitoria tem o objetivo de incentivar os monitores quanto à possibilidade de docência, auxiliando-os na formação profissional (FRISON LMB, 2016). A disciplina de Anatomia dos sistemas, vinculada ao Departamento de Morfologia de uma Universidade do Rio Grande do Norte, integra-se às disciplinas oferecidas aos alunos de Medicina como componente curricular obrigatório.

A proposta é guarnecer o discente de conhecimentos teóricos e práticos no que tange à normalidade da anatomia humana sistêmica. A monitoria da disciplina de Anatomia Humana dos Sistemas para o curso de Medicina constitui método fundamental para a construção e consolidação da aprendizagem pelos discentes nos aspectos prático e teórico, tendo em vista que é de atribuição médica identificar, avaliar, diagnosticar e tratar alterações patológicas (CRUZ MLS, et al., 2019). Nesse contexto, dada a complexidade da disciplina de Anatomia Humana, monitores capacitados e treinados são de extrema importância, para transmitir de forma mais tangível as informações passadas pelo professor em sala de aula.

OBJETIVO

Descrever a experiência de prática didático-pedagógica de acadêmicos de períodos mais avançados do curso de medicina como monitores da disciplina de anatomia para discentes do ciclo básico da graduação em medicina.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo relato de experiência, acerca das atividades de monitoria em anatomia sistêmica para o curso de medicina, ocorridas no segundo semestre letivo de 2019. Os monitores responsáveis pelas ações eram estudantes do curso médico, que já haviam concluído a disciplina em questão e foram aprovados no processo seletivo da monitoria. As ações eram realizadas nos laboratórios de anatomia da instituição, em horários isentos de atividades curriculares. Durante o período, foram realizados três tipos de encontros: exposição dos assuntos, gincanas e revisões. Tais momentos ocorreram sempre após a conclusão de algum dos conteúdos estudados – agrupados nos seguintes sistemas: cardiorrespiratório, geniturinário, gastrointestinal e musculoesquelético – e antes da realização das avaliações teórico-práticas da disciplina. Exposição dos assuntos: iniciava a sequência de atividades de monitoria de cada assunto. Nesse

momento, eram rerepresentadas aos discentes as peças anatômicas referentes ao conteúdo em questão, discutindo sobre suas divisões e nomenclaturas, utilizando abordagens interdisciplinares baseadas no diálogo entre os aprendizados da anatomia com os da fisiologia, histologia e embriologia. Além disso, nessa ocasião eram realizadas as discussões de casos anatomoclínicos previamente elaborados pelos monitores, introduzindo as reflexões acerca do raciocínio clínico baseado no conhecimento morfológico.

Gincanas: consistiam em simulações da modalidade prática da avaliação, na qual os discentes deveriam, em tempo cronometrado, identificar a nomenclatura das estruturas anatômicas selecionadas. Revisões: última atividade de cada conteúdo. Nesta ação, resumia-se o momento da “exposição dos assuntos”, focando nos principais pontos a serem lembrados.

Para a elaboração das atividades, eram consultados atlas e livros-texto de anatomia. Paralelo a isso, durante a realização das monitorias eram utilizadas as peças anatômicas e, a critério do monitor, eram apresentados esquemas feitos na lousa e/ou imagens previamente selecionadas para ilustrar algo acerca dos casos clínicos.

DISCUSSÃO

A anatomia é um campo que exige dos estudantes o conhecimento teórico-prático, portanto, devem ser adotadas estratégias que propiciem o desenvolvimento de habilidades cognitivas e procedimentais para facilitar a assimilação desses conhecimentos (CHANG CHAN AY, et al., 2019). Portanto, torna-se evidente a necessidade destas monitorias, com gincanas e a exposição de peças, para consolidar o conhecimento prático dos estudantes. De mesmo modo, as explicações e correlações clínicas expostas pelos monitores com o objetivo de sedimentar o conhecimento teórico.

Para os monitores, o ensino da anatomia serve como forma de aprendizado ativo, pois estes se envolvem e possuem a responsabilidade de compartilhar seus conhecimentos. Estudos demonstram que esse engajamento aumenta a fixação dos conteúdos anatômicos, sendo eficaz para o complemento da formação desses estudantes (SINGH K, et al., 2019). Ademais, eles desenvolvem outras habilidades como melhoria na comunicação, trabalho em equipe e liderança (DICKMAN N, et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da prática de monitoria é fundamental para alunos e monitores. Os primeiros podem sanar as dúvidas e refinar as informações dadas em sala de aula; os segundos podem aprofundar e consolidar o conhecimento em anatomia para além do que viram enquanto alunos monitorados. Conseqüentemente, para ambos, a experiência supracitada é instrumento de aprimoramento pessoal e profissional, já que, para o curso médico, a anatomia é base para a atuação do futuro generalista. Ademais, para os monitores, esse exercício didático-pedagógico pode ser estímulo à docência, possibilitando mais um caminho a ser seguido após o término da graduação.

REFERÊNCIAS

1. CHANG CHAN AY, et al. Approaches of anatomy teaching for seriously resource-deprived countries: A literature review. *Educ Health (Abingdon)*. 2019; 32(2): 62-74.

2. CRUZ MLS, et al. Perfil das Atividades Complementares dos Graduandos em Medicina pela Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009-2017. *Rev. bras. educ. med.*, Brasília, 2019; 43(1), Supl. 1: 265-275.
3. DICKMAN N, et al. Students as anatomy near-peer teachers: a double-edged sword for an ancient skill. *BMC Med Educ.* 2017; 17(1): 156.
4. FRISON LMB. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. *Pro-Posições*, Campinas, 2016; 27(1): 133-153.
5. PINHO GC, et al. Peer-Assisted and Team-Based Learning: A new hybrid strategy for Medical SINGH Education. *Rev. bras. educ. med.*, Brasília, 2018; 42(3): 162-170.
6. SINGH K, et al. Teaching anatomy using an active and engaging learning strategy. *BMC Med Educ.* 2019; 19(1): 149.

RESUMO EXPANDIDO: Estudo Original

Título: Hepatites Virais no Brasil: uma análise dos indicadores epidemiológicos das morbidades de 2006 a 2018

Autor/ coautores: Júlia do Carmo Santos¹, Emmyli Nunes de Freitas², Giovana Escribano da Costa³, Solena Ziemer Kusuma⁴.

Instituição: ¹Universidade de Rio Verde (UniRV), Campus Aparecida de Goiânia-Goiás, Brasil, ² Universidade Vila Velha - Vila Velha – Espírito Santo, Brasil, ³Universidade Federal do Pará - Pará, Brasil, ⁴ Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Paraná, Brasil.

Palavras-chave: Hepatites virais, Epidemiologia, Infectologia.

INTRODUÇÃO

As hepatites virais são doenças causadas por diferentes agentes etiológicos semelhantes do ponto de vista clínico-laboratorial, mas com diferenças epidemiológicas, apresentando variações de comprometimento e evolução (SILVA RA, et al., 2019). O Ministério da Saúde (MS) criou o Programa Nacional para a Prevenção e o Controle das Hepatites Virais (PNHV) visando possibilitar ações de saúde relacionadas às hepatites de forma mais efetiva e resolutiva por meio de projetos de avaliação epidemiológica das morbidades (ALMEIDA EC, et al., 2019) (SOUZA ATS, et al., 2020).

As hepatites virais são doenças de notificação obrigatória, conforme Portaria vigente, constituem problema de saúde pública tanto no Brasil, como no Sistema Único de Saúde (SUS), quanto no mundo, devido ao grande impacto de morbidade e mortalidade (OLIVEIRA VR, et al., 2020). A avaliação clínica do paciente com suspeita de alguma hepatite viral é fundamental para guiar o médico em relação a sua conduta e continuidade da investigação, levando ao diagnóstico correto (ROCHA LB, et al., 2020). Dessa forma permitindo identificar a doença do paciente entre as hepatites A, B, C, D ou E, visto que apresentam evolução e morbimortalidades diferentes, necessitando de abordagem individualizada a depender do subtipo de hepatite viral (BRASIL, 2018).

OBJETIVO

Analisar a incidência das hepatites virais, incluindo a hepatite A, B, C e D, bem como identificar o comportamento epidemiológico das hepatites citadas e a evolução dessas morbidades para óbito.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, analítico, observacional e transversal, de delineamento retrospectivo. A pesquisa foi realizada em agosto de 2020, sendo a amostra composta pelos casos de notificação por hepatites virais no Brasil, que foram realizados no período de 2006 a 2018. Analisaram-se dados referentes ao gênero de maior acometimento, ao comportamento nos anos do presente estudo e referentes ao desfecho das morbidades. Os dados foram obtidos por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponibilizados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), que é um sistema de informações pertencente ao Ministério da Saúde (MS).

RESULTADOS

Foram notificados 498.453 casos no Brasil, incluindo a hepatite A, B, C e D. Nesse período, a hepatite mais incidente foi a C, com 207.582 casos, o equivalente a 41,64%, seguida da B, com 192.088 casos, A com 95.472 casos, e D com 3.311 casos.

A Hepatite A teve maior taxa de incidência por 100.000 habitantes no ano de 2006 (9,1) e menor taxa em 2016 (0,6), com maior acometimento no sexo masculino, responsável por 54,36% dos casos. A B teve maior taxa no ano de 2011 (8,7) e menor taxa em 2006 (6,5), com maior incidência no sexo masculino (54,30%). A Hepatite C teve maior taxa no ano de 2016 (13,9) e menor taxa em 2006 (4,5), com maior incidência no sexo masculino (57,14%). A D teve maior incidência também no sexo masculino (56,87%).

Em relação aos óbitos foram analisados dados de 2006 a 2017, com mais óbitos pela hepatite C (77,32%), seguida da B (19,59%). Sendo que cerca de 13% dos casos de hepatite D evoluíram a óbito, contra 11% C, 3% da B e 0,5% da A.

Tabela 1: Dados epidemiológicos das Hepatites Virais – Acometimento por gênero e óbitos

NÚMERO DE CASOS	HEPATITE A	HEPATITE B	HEPATITE C	HEPATITE D
ACOMETIMENTO				
SEXO MASCULINO	51.901	104.296	118.620	1.883
2006-2018				
ACOMETIMENTO				
SEXO FEMININO	43.557	87.754	88.888	1.427
2006-2018				
TOTAL				
2006-2018	95.472	192.088	207.582	3.311
ÓBITOS NOTIFICADOS				
2006-2017	478	5.870	23.165	446

Fonte: (SANTOS JC, 2020) [Dados extraídos do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, 2020.]

DISCUSSÃO

Estudos científicos já publicados evidenciam que as hepatites virais apresentam diferenças de acometimento e evolução conforme o seu subtipo, o que é confirmado pelo presente estudo. Sendo que a incidência das hepatites varia de forma gritante a depender da população acometida e a exposição a fatores

de risco. A mortalidade pelas hepatites virais também está relacionada aos subtipos da doença e é mais frequente na hepatite C e B, devido a maior chance de complicações, como cirrose avançada e câncer hepático.

Os estudos epidemiológicos realizados através da análise de dados secundários apresentam limitações por dependerem de um fluxo de notificação adequado, ficando assim o resultado diretamente dependente da realização da notificação e do registro adequado dos dados. No entanto esse viés é amenizado pela análise de um maior período e abordagem de dados comparativos entre esse período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manejo adequado das hepatites virais está diretamente relacionado ao diagnóstico preciso e precoce da morbidade, sendo de extrema importância o exame clínico para seguimento da investigação de forma precisa e resolutiva, evitando gastos e procedimentos desnecessários. Esse diagnóstico é de fundamental importância para um bom prognóstico, pois permite o tratamento adequado e impacta diretamente na qualidade de vida do indivíduo, sendo ainda instrumento de prevenção de complicações. Torna-se evidente a necessidade de estudos que possam possibilitar conhecimento adequado e efetivo do perfil epidemiológico dos pacientes acometidos pelas hepatites virais, para auxiliar no correto manejo.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA EC, et al. Acesso à atenção às hepatites virais: distribuição de serviços na região Norte do Brasil. *Rev. Bras. Epidemiol.*, São Paulo 2019; 22, Supl.1, 1-12.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Manual Técnico para o Diagnóstico das Hepatites Virais. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Assessoria. Brasília (DF). 2018, (1): 123p. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/manual-tecnico-para-o-diagnostico-das-hepatites-virais>> Acessado em: 20 de agosto de 2020.
3. OLIVEIRA VR, et al. Diálogos sobre os sistemas de informação em saúde do trabalhadores: relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; 12(7): e3254.
4. ROCHA LB, et al. Soroprevalência de doenças infecciosas em doadores de sangue em um município do Amazonas. *Rev. Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; 12(11) 1-8: e4050.
5. SILVA RA, et al. Coinfecção de hepatites virais e HIV na região Norte do Brasil. *Rev. Eletrônica Acervo Científico*, 2019; 4, 1-6: e498.
6. SOUZA ATS, et al. Estado vacinal de adolescentes de uma unidade básica de saúde. *Rev. Eletrônica Acervo de Saúde*, 2020; 12(6): 1-10: e3059.

RESUMO EXPANDIDO: Estudo Original

Título: Perfil epidemiológico dos acidentes de trabalho com exposição a material biológico no Estado de Pernambuco em 2019

Autor/ Coautores: Andressa Rália Aquino Soares¹; Girlane Nayara do Nascimento Santana Barbosa¹; Marcos Garcia Costa Moraes²; Sidilene Pereira Costa³.

Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Recife – Pernambuco¹, Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) Campina Grande- Paraíba², Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) São Luiz – Maranhão³

Palavras-chave: Epidemiologia, Acidentes de trabalho, Material biológico.

INTRODUÇÃO

Os acidentes de trabalho são considerados um problema de saúde pública mundial, pois geram prejuízos tanto para o empregador quanto para o empregado (ARANTES MC, et al., 2017). Considera-se acidente de trabalho um evento súbito que ocorre no exercício da atividade laboral e que é proveniente de riscos ocupacionais por exposições biológicas, físicas, químicas, mecânicas, ergonômicas (SILVA PLN, et al., 2016). O risco biológico, por sua vez, é caracterizado pela exposição aos agentes infecciosos que em contato com o indivíduo pode provocar diversas doenças, como é o caso dos vírus, bactérias, parasitas, protozoários, fungos e bacilos (MAZUTTI WJ, et al., 2018).

A epidemiologia estuda o processo saúde/doença na população, tendo o objetivo produzir conhecimento e tecnologia capaz de promover medidas de prevenção, controle ou até mesmo a erradicação de agravos e doenças (TRUJILLO A, 2016). O estudo epidemiológico desses acidentes é fundamental para se ter uma melhor compreensão da realidade e, a partir daí, poder planejar ações de prevenção, sendo essa a medida mais eficiente para minimizar os riscos biológicos inerentes ao trabalho (SILVA RA, et al., 2020).

OBJETIVO

Caracterizar o perfil epidemiológico dos acidentes de trabalho por exposição a material biológico em profissionais de nível superior completo, de todas as áreas, ocorridos no Estado de Pernambuco no ano de 2019.

MÉTODO

Consiste em um estudo epidemiológico, retrospectivo com abordagem quantitativa. A coleta de dados foi realizada através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no período de 2019. Em se tratando de pesquisa com base de dados secundária de acesso público, não se fez necessária a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

A tabulação do conjunto de informações foi obtida por meio das variáveis: sexo, faixa etária, profissão, tempo de serviço, tipo de exposição e tipo de acidente. Como critério de inclusão foram contabilizados os acidentes em profissional com nível superior completo. Excluiu-se os casos em que o campo da escolaridade

estava em branco ou ignorados. As informações foram exportadas e tabuladas no software Microsoft Excel 2013.

RESULTADOS

No Estado de Pernambuco foram registrados 2.870 casos de acidentes com exposição a material biológico no ano passado e, desses, 730 aconteceram em profissionais de nível superior completo. No sexo masculino foram registrados 206 acidentes e no feminino 524, o que correspondeu a 71,23% dos casos.

A faixa etária que mais ocorreu os acidentes foi dos 30 a <40 anos que corresponderam a 40,4% dos casos. Quanto ao tempo de serviço 16,2% das pessoas se acidentaram antes de completar um ano de serviço, enquanto 36,4% trabalhavam há mais de 01 ano.

Tabela 1 - perfil epidemiológico dos profissionais de nível superior completo que sofreram acidente com exposição a material biológico em PE, 2019 n = 730.

Variável	N	%
Sexo		
Masculino ♂	206	28,77
Feminino ♀	524	71,23
Faixa Etária		
19 a < 30	275	37,7
30 a < 40	295	40,4
40 a < 50	109	14,9
>ou = 50	51	6,9
Tempo de Serviço		
<1 ano	118	16,2
A partir de 01 ano	266	36,4
Ignorado/ branco	346	47,4
Total	730	100

Fonte: SOARES ARA, et al., 2020. Dados extraídos do SINAN, 2020.

Os enfermeiros registraram 27% dos acidentes, em seguida os médicos com 25,4%. Quanto ao tipo de exposição 67,5% dos profissionais sofreram lesão percutânea. Quanto ao tipo de acidente 15,5% foram em procedimento cirúrgico; 13% na punção venosa/arterial; 12,6% na administração de medicamentos e 12% em procedimentos odontológicos. Outros 11,1% dos acidentes aconteceram por descarte inadequado e/ou manipulação de caixa com material perfurocortante, 3,3% em lavagem de material e/ou reencape de agulhas e 2,6% dos acidentes foram em procedimento laboratoriais.

DISCUSSÃO

Com a realização dessa pesquisa verificou-se que a maioria dos acidentes aconteceram em pessoas jovens, do sexo feminino e com experiência de trabalho maior que 01 ano. Também pode-se observar que os enfermeiros e médicos são os que mais sofrem esse tipo de acidente com instrumentos perfurocortantes e que a maioria dos acidentes com exposição a material biológico ocorrem em procedimentos cirúrgicos dentre os profissionais com nível superior.

Confirmando os resultados referentes à sexo e faixa-etária, com um trabalho realizado em um hospital de Teresina PI, onde apontou que 81,82% dos acidentes ocorreram em mulheres, 45,45% com idade entre 21 e 30 anos de idade (MARQUES JS, et al., 2019). Destaca-se como limitação deste estudo o preenchimento incompleto e/ou incorreto da ficha de notificação de acidente de trabalho com exposição a material biológico, o que dificulta uma visão mais fidedigna da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os riscos que estes acidentes oferecem aos profissionais, nos resultados analisados, compreende-se que há necessidade de sensibilização dos profissionais no uso de equipamentos de proteção individual para que se possa contribuir na redução do número de acidentes com exposição a material biológico nas atividades laborais.

Também é necessário que os profissionais preencham por completo e adequadamente as fichas de notificação de acidentes com exposição a material biológico para que se tenha melhor visibilidade da realidade, possibilitando o desenvolvimento de estudos com maior qualidade e o fortalecimento de políticas públicas voltadas para saúde do trabalhador.

REFERÊNCIAS

1. ARANTES MC, et al. Occupational accidents with biological material among healthcare workers. *Cogitare Enferm.* Jan/mar; 2017; 22(1): 01-08.
2. MARQUES JS, et al. Acidentes ocupacionais com materiais biológicos notificados em um hospital público de Teresina-PI. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2019; 25: e732;
3. MAZUTTI WJ, et al. Accidents with sharp objects involving biological material: what Dentistry undergraduate students say and what they do. *Revista da ABENO*, 2018; 18(4): 21-30.
4. SILVA RA, et al. Acidente de trabalho com material biológico na enfermagem. *Brazilian Journal of health review*; 2020; 3(4), 7780-7796.
5. SILVA PLN, et al. Análise dos acidentes de trabalho na equipe de enfermagem: uma revisão integrativa. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*; 2016; 8(4): 5163-5176.
6. TRUJILLO A. Epidemiologia: história, tipos e métodos. *Revista Eletronica Simbiótica*; 2016; 3(1): 180-206.

RESUMO EXPANDIDO: Revisão Bibliográfica

Título: Potencial do uso de antocianinas no tratamento da COVID-19: uma revisão sistemática

Autor/coautores: Erika de Arruda Nascimento; Maria Eduarda Silva de Almeida; Rayane Keyti da Silva Francisco; Jaciana dos Santos Aguiar.

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife-Pernambuco.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Palavras-chave: Flavonóide, Coronavirus, SARS-CoV-2.

INTRODUÇÃO

Por representar atualmente uma forte ameaça aos seres humanos, a pandemia associada a síndrome respiratória aguda grave do coronavírus 2 (SARSCoV-2) tem sido considerada um problema mundial, e diante disto, diferentes estudos são realizados em prol do desenvolvimento de terapias contra a doença causada pela infecção por este vírus, a COVID-19 (FAKHAR Z, et al., 2020). Pesquisas voltadas à utilização de compostos bioativos, presentes em plantas, para o tratamento de várias enfermidades tem sido uma tendência na área científica.

Dentre os compostos que tem sido estudado com este propósito, podemos citar as antocianinas, um exemplo de flavonóide que pode ser encontrado em diferentes tipos de alimentos de origem vegetal. O efeito positivo das antocianinas à saúde humana, alcançado a partir de seu consumo, especialmente frente às doenças crônicas, é baseado em diferentes fatores que, por sua vez, sofrem interferências a partir da biodisponibilidade destas moléculas (EKER ME, et al. 2020).

OBJETIVO

Revisar, sistematicamente, os atuais estudos disponíveis na literatura científica acerca da utilização de antocianinas, em especial aquelas presentes em alimentos, contra a infecção causada pelo novo coronavírus, para investigar seu potencial no tratamento da COVID-19.

MÉTODO

Metodologia baseou-se no modelo proposto por outros autores que pesquisaram sobre esta molécula (EKER ME, et al., 2020), com modificações. Foram pesquisados artigos em inglês, publicados em 2020, nas bases de dados Science Direct, MEDLINE/PubMed, PubMed Central e Google Scholar. Palavras chaves foram “Anthocyanin AND Coronavirus AND COVID-19 AND food”, inseridas nos “Descritores em Ciências da Saúde (<https://decs.bvsalud.org/>). Critérios de exclusão aplicados eliminaram: artigos repetidos; revisões de literatura; e que não investigassem o efeito anti – COVID-19 de antocianinas.

Pesquisa resultou em 163 artigos. Após aplicação dos critérios de exclusão, foram obtidos 8 artigos, dos quais 5 foram selecionados, por apresentarem dados que permitiriam a construção de uma profícua revisão. Todos os artigos selecionados realizaram estudos *in silico*, via docking molecular.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Em análise de compostos usados contra a molécula alvo no combate ao desenvolvimento do COVID-19 (Mpro), verificou-se que a antocianina delfinidina 3,5-diglicosídeo teve melhor atividade de afinidade com esta proteína do que o inibidor N3. Porém, apresentou biodisponibilidade teórica baixa via oral, devido a degradação no trato gastrointestinal, precisando ser encapsulado para evitar esse efeito (SHARMA P e SHANAVAS A, 2020).

Buscando possíveis agentes inibidores da Mpro do novo coronavírus, foram avaliadas cinco antocianinas, e entre elas a peonidina 3-O-glucosídeo apresentou parâmetros favoráveis do complexo formado com o alvo, como estabilidade conformacional, flexibilidade e energia de ligação, constituindo-se um potencial fármaco anti-COVID-19 (MAJUMDER R e MANDAL M, 2020).

Potencial de antocianinas em atuar sobre a protease cisteína semelhante a 3-quimiotripsina (3CL^{PRO}), relacionada ao novo coronavírus, foi avaliado. Facelianina, gentiodelfina, cianodelfina e tecofilina apresentaram capacidade de se ligar a resíduos aminoácidos de SARS-CoV-2 3CL^{PRO}, e desta forma apresentaram viabilidade para serem utilizadas neste tratamento antiviral (KHALIFA I, et al., 2020).

Propriedades farmacocinéticas e via docking molecular das antocianinas cianidina, malvidina, pelargonidina e peonidina foram analisadas (VIJAYAKUMAR BG, et al., 2020). Todas essas atenderam aos critérios de fármacos orais e apresentaram perfis farmacocinéticos satisfatórios. Atividades das antocianinas foram avaliadas frente a proteínas virais relacionadas ao SARS-CoV-2. Cianidina formou ligação de hidrogênio no sítio de ligação de RNA da RdRp e nos principais sítios de inibição da Mpro, tal como a peonidina e a pelargonidina, sendo assim candidatas para estudos *in vitro* e *in vivo* anti-SARS-CoV-2.

Visando selecionar antocianinas com potencial de afinidade frente ao SARS-CoV-2, para inibição da Mpro, pesquisadores observaram que dois derivados de antocianinas (PubChem CID 44256921 e 131751762) destacaram-se, apresentando alta seletividade pela Mpro, a partir de dados via docking molecular e propriedades farmacocinéticas, podendo ser recomendadas como potencial condutor contra esta enzima (FAKHAR Z, et al., 2020).

DISCUSSÃO

Triagem primária de compostos através de metodologias computacionais além de colaborar no desenvolvimento de métodos *in vivo* anti-COVID-19, também reduzirá a quantidade de tempo e trabalho empregados na elaboração de terapias a serem utilizadas frente ao novo coronavírus (KHALIFA I, et al. 2020).

Todavia, apesar dos dados positivos observados, ainda se faz importante a realização de estudos *in vitro* e *in vivo* para utilização das antocianinas como drogas realmente efetivas do ponto de vista clínico (KHALIFA I, et al., 2020; MAJUMDER R e MANDAL M, 2020). Contudo, os resultados obtidos a partir das metodologias computacionais denotam a descoberta de compostos com propriedades terapêuticas frente ao COVID-19, advindos de fontes naturais (KHALIFA I, et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nesta revisão sistemática, é possível concluir que, apesar de serem necessárias mais

investigações sobre as antocianinas que apresentaram atividade contra o novo coronavírus, a fim de entender os mecanismos envolvidos, a utilização destes fitoquímicos amplamente distribuídos na natureza, inclusive em alimentos de origem vegetal, demonstra-se bastante promissora na luta contra a COVID-19, visto que exibiram potencial frente ao desenvolvimento e replicação deste vírus em métodos *in silico*.

REFERÊNCIAS

1. EKER ME, et al. A review of factors affecting anthocyanin bioavailability: possible implications for the inter-individual variability. *Foods*, 2020; 9(2).
2. FAKHAR Z, et al. Anthocyanin derivatives as potent inhibitors of SARS-CoV-2 main protease: An in-silico perspective of therapeutic targets against COVID-19 pandemic. *Journal of Biomolecular Structure and Dynamics*, 2020; 38(1).
3. KHALIFA I, et al. Polyacylated anthocyanins constructively network with catalytic dyad residues of 3CLpro of 2019-nCoV than monomeric anthocyanins: A structural-relationship activity study with 10 anthocyanins using in silico approaches. *Journal of Molecular Graphics and Modelling*, 2020; 100.
4. MAJUMDER R, MANDAL M. Screening of plant-based natural compounds as a potential COVID-19 main protease inhibitor: an in silico docking and molecular dynamics simulation approach. *Journal of Biomolecular Structure and Dynamics*, 2020; 1-16.
5. SHARMA P, SHANAVAS A. Natural derivatives with dual binding potential against SARS-CoV-2 main protease and human ACE2 possess low oral bioavailability: a brief computational analysis. *Journal of Biomolecular Structure and Dynamics*, 2020; 1-12.
6. VIJAYAKUMAR BG, et al. In silico pharmacokinetic and molecular docking studies of natural flavonoids and synthetic indole chalcones against essential proteins of SARS-CoV-2. *European Journal of Pharmacology*, 2020; 886: 173448.

RESUMO EXPANDIDO: Estudo Original

Título: Perfil Epidemiológico da Paralisia Flácida Aguda no município de Belém, entre os anos de 2015 e 2019

Autor/coautores: Ana Oneide Brito Vasconcelos; Amanda Faria Barrozo Correia.

Instituição: Universidade da Amazônia (UNAMA).

Financiamento: Sem financiamento.

Palavras-chave: Paralisia Flácida Aguda, Notificação, Saúde Pública.

INTRODUÇÃO

A Paralisia Flácida Aguda (PFA), conhecida como poliomielite, é uma doença infecciosa causada pelo vírus pólio, transmitida por contaminação oral e fecal, com replicação linfática (MAES EF, et al., 2017). Segundo a Organização Mundial de Saúde, existem três sorotipos do vírus, onde apenas um ainda não foi erradicado no mundo (KASPER D, et al., 2015).

Atualmente, o Brasil erradicou o tipo 2 e está na iminência de erradicar o tipo 3. Por isso, no ano de 2012, a Assembleia Mundial da Saúde declarou a erradicação da pólio emergência de saúde pública global, desenvolvendo o Plano Estratégico de Erradicação da Pólio, substituindo a vacina trivalente pela bivalente, mantendo a imunidade ativa contra o tipo 2, através da vacina inativada (GENTILE A e ABATE H, 2016).

De acordo com a literatura, o ser humano é único reservatório ao hospedeiro, alojando-se no intestino. Assim, populações de municípios carentes de ações de saúde, saneamento básico e vigilância sanitária, são os mais acometidos pela doença (NOORI N, et al., 2017).

Nesse cenário, conhecer o perfil epidemiológico populacional é fundamental para orientar os municípios a planejarem ações de promoção à saúde pública, diminuindo a incidência da doença, além de contribuir com a literatura.

OBJETIVO

Avaliar o perfil dos pacientes com Paralisia Flácida Aguda do município de Belém, entre 2010 e 2019, mediante a coleta de dados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN).

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo de corte transversal com dados secundários quantitativos referentes as notificações de Paralisia Flácida aguda, no município de Belém-Pará, de 2010 a 2019, pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponível para livre acesso no portal do DATASUS. A coleta dos dados ocorreu entre agosto e setembro de 2020. As variáveis utilizadas foram: ano da notificação, faixa etária, idade, raça, escolaridade, zona de residência, sexo, evolução dos casos, critério de confirmação e classificação final. Os dados coletados foram tabulados no *Microsoft Office Excel* para análise. Por se tratar

de um estudo com dados de acesso livre, não foi necessário a aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos.

RESULTADOS

A média anual de notificações foi de aproximadamente 9 casos de PFA. A maior incidência foi em 2017 e a menor em 2015. A faixa etária mais acometida foi a de 10-14 anos e a menos acometida foi a de 05-09 anos. A prevalência foi maior no sexo feminino com 57,2% em relação ao sexo masculino, mostrando-se quase que de maneira uniforme na prevalência pelo sexo. 87 casos eram de indivíduos pardos, em comparação ao total de 98 casos achados, e 81,63% reside na zona urbana.

Os achados mostram que 54 pessoas possuem ensino fundamental incompleto pelo fato serem crianças. Acerca do critério de confirmação, o teste do vírus pólio se deu de forma laboratorial para 47 casos notificados, mostrando que ainda há uma baixa cobertura vacinal ao compararmos com achados de confirmação. Em relação às sequelas, 63,27% tiveram a cura sem sequelas em comparação a 7,15% de óbitos no período estudado.

Tabela 1 - Notificações por ano segundo sexo, idade, raça, escolaridade, residência, grau de evolução e critério de confirmação, entre 2010 e 2019.

Variáveis	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Sexo										
Masculino	2	6	2	4	5	-	6	8	3	6
Feminino	5	6	7	7	2	6	6	5	7	5
Idade										
0-4 anos	1	2	-	4	4	1	8	2	6	7
5-9 anos	4	3	5	3	1	1	2	6	1	1
10-14 anos	2	7	4	4	2	4	2	5	3	3
Raça										
Ignorada	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-
Branca	-	-	1	1	1	-	1	1	1	-
Preta	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Amarela	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Parda	7	12	7	10	6	6	8	12	8	11
Escolaridade										
Ignorada	-	2	1	-	-	1	-	-	-	1
Sem EF*	5	8	6	7	3	4	2	7	4	3
Com EF*	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-
Não aplica	2	2	2	4	4	1	10	5	6	7
Residência										
Ignorada	1	1	-	1	1	-	-	-	-	-
Rural	1	2	-	3	2	-	3	2	-	1
Urbana	5	9	9	7	4	6	9	11	10	10
Evolução										
Ignorada	5	2	1	-	2	-	-	2	2	1
Sem sequela	2	7	7	9	3	6	9	7	4	8
Com sequela	-	-	1	1	1	-	3	3	3	2
Óbito	-	3	-	1	1	-	-	1	1	-
Confirmação										
Laboratorial	4	6	3	6	2	4	5	6	5	6
Clínica	1	2	1	-	-	-	-	1	2	2

Fonte: VASCONCELOS AOB, 2020. [Dados extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN, 2020].

Legenda: *EF: Ensino Fundamental

DISCUSSÃO

A poliomielite mostrou não ter prevalência por sexo nem por etnia, contudo mostrou ter predomínio em crianças, afetando principalmente crianças não vacinadas com menos de cinco anos, causando paralisia irreversível ou até morte (CIAPPONI A, et al., 2019).

Apesar do Plano de Erradicação da Pólio, ainda há casos no Brasil. Dados da Secretaria de Saúde Pública do Pará (SESPA-PA) mostrou que a cobertura vacinal em Belém em 2016 foi abaixo da meta esperada, atingindo 59,9% da população, isso mostra não só uma fragilidade na cobertura vacinal como também na difusão de campanhas. A imunização é a intervenção custo-efetiva mais relevante para o controle global de doenças infectocontagiosas (ARROYO LH, et al., 2020).

O estudo enfrentou um empecilho quanto a coleta de dados por falta de atualização da plataforma de acesso aos casos novos e a variáveis diferentes como sintomas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo constatou 98 casos de paralisia flácida aguda entre 2010 e 2019 no município de Belém-PA, dentre eles, 62 casos curados sem sequelas e 7 óbitos. Através desta pesquisa foi possível identificar o perfil epidemiológico, a distribuição espacial e a causa principal da doença, gerando informações para as intervenções de vigilância à saúde. Desta maneira, realizar o cruzamento de dados entre o Sistema de Informação de Agravos de Notificações com o Sistema de Informação Hospitalar e Ambulatorial contribuirá para investigação e elaboração de prognósticos melhores, além da redução dos gastos com a saúde pública do município.

REFERÊNCIAS

1. ARROYO LH, et al. Áreas com queda da cobertura vacinal para BCG, poliomielite e tríplice viral no Brasil (2006-2016): mapas da heterogeneidade regional. *Cadernos de Saúde Pública*, 2020; 36(4), e00015619.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203&id=29892255&VObj=http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinannet/cnv/pfa>>. Acessado em: 01 de setembro de 2020.
3. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sistema de Informações do Programa Nacional de Imunizações, 2020. Disponível em: <<http://pni.datasus.gov.br/>>. Acessado em: 01 de setembro de 2020.
4. CIAPPONI, A et al. Sequential inactivated (IPV) and live oral (OPV) poliovirus vaccines for preventing poliomyelitis. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 2019; 12, CD011260.
5. GENTILE, Á.; ABATE, H. A new challenge for the world: the eradication of polio. *Arch Argent Pediatr*, 2016; 114(6), 557-562.
6. IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acessado em: 01 de setembro de 2020.
7. KASPER D, et al. *Harrison's principles of internal medicine*, 19e. McGraw-hill, 2015; 1(2), 28.

8. MAES EF, et al. Surveillance systems to track progress toward polio eradication-worldwide, 2015–2016. *MMWR. Morbidity and mortality weekly report*, 2017; 66(13): 359.
9. MOTA CG, et al. Resultados de um programa de exercício físico combinado na força muscular e capacidade funcional de um indivíduo com síndrome Pós-Poliomielite. *Acta fisiátrica*, 2018; 25(3).
10. NOORI N. Comparative epidemiology of poliovirus transmission. *Scientific reports*, 2017; 7(1): 1-12.

RESUMO EXPANDIDO: Revisão Bibliográfica

Título: Análise da efetividade de fotoprotetores na prevenção de câncer de pele melanoma e não melanoma

Autor/coautores: Gabrielle Gimenes Lima, Thamires Carolina Felipe Oliveira.

Instituição: Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Mogi das Cruzes-SP.

Palavras-chave: Fotoproteção, Câncer, Saúde-Pública.

INTRODUÇÃO

A pele é o maior órgão do corpo humano e possui função de defesa contra a radiação ultravioleta, é de suma importância cuidados como uso de filtros solares para proteção deste órgão, prevenindo o câncer de pele (ACD, 2019). O câncer de pele é o tipo mais comum no mundo e no Brasil, sendo o melanoma, o carcinoma basocelular e o carcinoma espinocelular os tipos mais frequentes da doença. Para fins epidemiológicos, ele é classificado como melanoma e câncer de pele não melanoma (MERRILL SJ, et al., 2015).

A exposição à radiação ultravioleta (UV) da luz solar é considerado um importante fator de risco ambiental modificável para câncer de pele, sendo a prevenção primária a redução da exposição à radiação ultravioleta a utilização de protetores solares, o uso de filtro solar é um importante complemento para outros tipos de proteção contra radiação solar e é um componente-chave em campanhas de saúde pública para prevenção do câncer de pele (WATTS CG, et al., 2018). Uma das estratégias para prevenção do câncer de pele é o uso de protetores solares¹¹, muitas sociedades de dermatologia têm recomendações sobre o uso de proteção solar (WALDMAN R e GRANT-KELLSJ, 2019).

OBJETIVO

Analisar as recomendações mais atuais em fotoproteção e sua eficácia na prevenção do câncer de pele não melanoma (CPNM) e câncer de pele melanoma (CPM), verificando o uso de protetores solares e outras medidas na avaliação da efetividade em proteger a sociedade.

MÉTODO

A presente revisão sistemática da literatura foi realizada a partir das buscas nas bases de dados eletrônicas: MEDLINE, PubMed, BIREME, LILACS, SciELO e Portal de Periódicos CAPES. Os critérios de elegibilidade foram: idioma inglês ou espanhol, data de publicação dentro dos últimos cinco anos. A busca destes artigos foi executada nos meses de outubro e novembro de 2019. Foi elaborada uma seleção com os descritores: *proteção solar*, *FPS*, *câncer não melanoma*, *carcinoma basocelular*, *carcinoma espinocelular*, *fatores de risco*, *exposição solar*, *radiação UV*. Foram selecionados 63 artigos e após análise 20 destes foram selecionados. Para seleção de guidelines foram escolhidas sociedades dermatológicas representativas dos 5 continentes mundiais.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A radiação ultravioleta (UV) é um fator de risco para o desenvolvimento de diferentes tipos de câncer de pele. Dos artigos elegidos, todos afirmaram que os raios ultravioletas têm papel fundamental no desenvolvimento de câncer de pele, seja CPNM ou COM (XIE F, et al., 2015).

Os raios UVA penetram o tecido cutâneo e são os principais responsáveis pelo envelhecimento das células da epiderme, além de predispor ao surgimento do câncer de pele. No entanto, os raios UVA também são os

responsáveis por proporcionar bronzeamento à pele, quando esta é exposta de forma moderada ao sol. O espectro UVB é fortemente absorvido pelo ozônio (O₃) estratosférico, podendo ser prejudicial à saúde humana, sendo capaz de causar, além do câncer cutâneo, queimaduras de pele. Os raios desse espectro dependem dos fatores: intensidade da radiação solar e cor da pele (GHIASVAND R, et al., 2016).

A aplicação correta do filtro solar é fundamental como estratégia pública para prevenção do câncer de pele. Além do uso de fotoprotetores, medidas educativas de prevenção, como a conscientização da proteção solar desde a infância são necessárias para se diminuir a incidência de cânceres de pele (SCHALKA SÉRGIO, et al., 2014).

A fotoproteção, enquanto utilização do protetor solar, foi referida como sendo de suma importância para a diminuição da incidência de câncer de pele melanoma e não melanoma. Quanto aos dados disponíveis no Brasil, o Instituto Nacional do Câncer - INCA registra a cada ano um número aproximado de 180 mil novos casos de câncer de pele no país. Se tem o CPNM como o mais frequente, correspondendo cerca de 30% de todos os tumores malignos registrados no Brasil (INCA, 2018).

Figura 1 - Indicações sobre fotoproteção tópica.

Indicações	AAD	SBD	EADV	ACD	DSSA
FPS	30>	15>	20>	Não especificado	20 – 50
Quantidade	28g	30g – 40g	Não especificado	35g	40g
Aplicação antes da exposição	15min	15min	Não especificado	20min	15min – 20min
Reaplicação	Cada 2h	Cada 2h	Cada 2h	Cada 2h	Cada 2h

Fonte: (OLIVEIRA TC e LIMA GG, 2019). Dados extraídos de sociedades dermatológicas representativas dos 5 continentes mundiais, 2019.

DISCUSSÃO

As análises das medidas fotoprotetoras das diferentes associações médicas dermatológicas possuem divergências entre o FPS mínimo indicado e na quantidade de protetor a ser aplicado no rosto e no corpo, apesar disto, há uma proximidade nas quantidades indicadas uma vez que todas recomendam uma porção aproximada de 2g/cm² de superfície corporal. Existem outras especificações concordantes, como o uso de filtros resistentes à água e de amplo espectro (UVA e UVB) (KOCH S, et al., 2016).

Dentre as recomendações analisadas, as medidas comportamentais são destacadas como a parte principal da estratégia fotoprotetora, sendo a fotoproteção tópica orientada como um passo importante, mas secundário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se que as associações médicas de dermatologistas recomendam um conjunto de medidas fotoprotetoras que incluem o uso de protetor solar, mas como ação secundária e complementar. Os comportamentos fotoprotetores recomendados variam um pouco nas suas indicações, uma vez que se considera continentes e populações distintas - porém todas essas recomendações são indicadas visando à prevenção de patologias. Através desta revisão fica evidente que há uma necessidade de incentivar os comportamentos fotoprotetores na população mundial.

REFERÊNCIAS

1. ACD. ACD A-Z of Skin - Sun Protection & Sunscreens. 2019 [acesso em: 10 jul. 2019]. Disponível em: <https://www.dermcoll.edu.au/atoz/sun-protection-sunscreens/>.
2. BRAY F, et al. Global câncer statistics 2018: GLOBOCAN estimates of incidence and mortality worldwide for 36 cancers in 185 countries. *CA: A Cancer Journal for Clinicians*. 2018. 68(6): 394-424.
3. INCA. Instituto Nacional do Câncer. Estimativa 2018. São Paulo e São Paulo. 2018. Disponível em: <http://www1.inca.gov.br/estimativa/2018/sao-paulo.asp>. Acessado em: 10 de julho de 2019.
4. MERRILL SJ, et al. Exponentially increasing incidences of cutaneous malignant melanoma in Europe correlate with low personal annual UV doses and suggests 2 major risk factors. *Dermatoendocrinol* 2015; 7: e1004018.
5. WALDMAN RA, GRANT-KELS JM. The role of sunscreen in the prevention of cutaneous melanoma and nonmelanoma skin cancer. *J Am Acad Dermatol*. 2019; 80(2): 574-576.e1.
6. WATTS CG, et al. Sunscreen Use and Melanoma Risk Among Young Australian Adults. *JAMA Dermatol*. 2018; 154(9): 1001-1009.
7. SCHALKA S, et al. Brazilian Consensus on Photoprotection. *An. Bras. Dermatol*. 2019; 89(1): 1-74.
8. KOCH S, et al. Sunscreen Increasingly Overshadows Alternative Sun-Protection Strategies. *Journal of Cancer Education*. 2016; 32(3): 528-531.
9. OU-YANG H J, et al. Sun Protection by Beach Umbrella vs Sunscreen with a High Sun Protection Factor. *JAMA Dermatology*. 2017; 153(3): 304.
10. CUNNINGHAM S, YU R, SHETES. Differences in Sun Protection Behaviors Between Rural and Urban Communities in Texas. *The Journal of Rural Health*. 2019; 35(2): 155-166.

RESUMO EXPANDIDO: Revisão Bibliográfica

Título: Atresia esofágica: desafio no diagnóstico ultrassonográfico e complicações em longo prazo

Autor/coautores: Laís Silva Sousa, Kimberlly Nava Flores, Gricia Aparecida Rodrigues de Souza, Cleber Queiroz Leite e Brian França dos Santos.

Instituição: Centro Universitário São Lucas (UNISL), Porto Velho-RO. Universidade Iguazu (UNIG), Nova Iguaçu-RJ.

Palavras-chave: Atresia esofágica, Fístula traqueoesofágica, Diagnóstico.

INTRODUÇÃO

A atresia esofágica (AE) surge a partir de anomalias congênitas manifestadas pela ausência de seguimento do esôfago, com presença ou não de uma ou mais comunicações anômalas com a traqueia, definida como fístula traqueoesofágica (FTE) (FRIEDMACHER F, et al., 2017). A AE é um acometimento relativamente comum, com incidência no mundo de 1 em 2.500 a 1 em 4.500 nascimentos, cuja incidência relativa aumenta com o avanço da idade materna e apresenta-se maior no sexo masculino (PARDY C, et al., 2019).

Apesar dos progressos de identificação da malformação durante o pré-natal e dos cuidados intensivos neonatais, incluindo procedimentos cirúrgicos nos recém-nascidos, a sobrevida gira em torno de 51% e há aumento da morbidade associada a risco de complicações de longo prazo (PAROLINI F, et al., 2017). A etiologia não é totalmente elucidada, todavia, sabe-se que está associada a mutações de genes: *Shh*, *SOX2*, *CHD7*, *MYCN* e *FANCB*, apresentando-se de modo isolado (40% dos afetados) ou relacionados a síndromes (60% dos afetados), como de *VACTERL*, *CHARGE*, Feingold, anoftalmia-esofágico-genital e anemia de Fanconi (PIRO E, et al., 2018).

OBJETIVO

Revisar sobre atresia esofágica, evidenciando sua classificação associada à fístula traqueoesofágica e a dificuldade diagnóstica da ultrassonografia durante o período pré-natal, bem como, enunciar manifestações de curto e longo prazo, mesmo após reparo cirúrgico.

MÉTODO

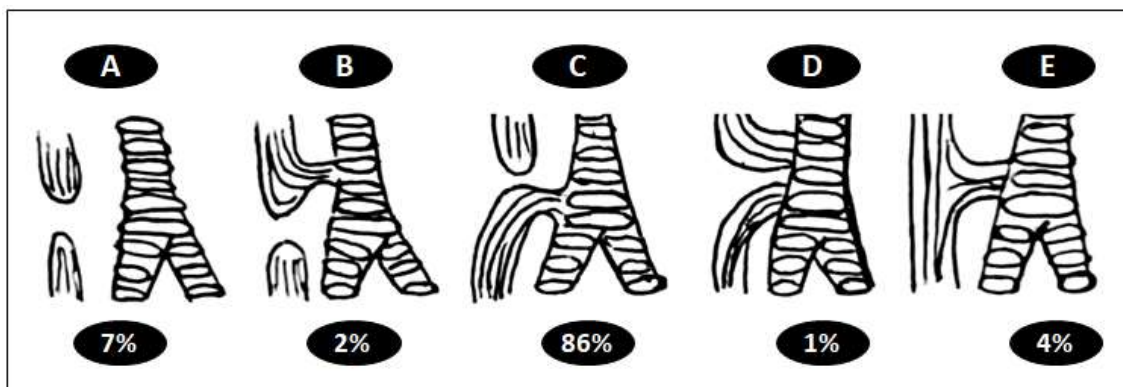
Trata-se de uma revisão integrativa baseada em estudos das bases de dados da *Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE). A fim de restringir as buscas, dispuseram-se os seguintes descritores isolados e/ou combinados: "Atresia esofágica", "fístula traqueoesofágica" e "Diagnóstico". Como critérios de inclusão, aplicaram-se filtros para produções dos últimos cinco anos (2015-2020), empregando-se "texto completo" e idiomas em inglês e espanhol. Destarte, obtiveram-se ao total 56 publicações. Entretanto, como critérios de exclusão, foram removidas produções com temáticas restritas à fístula traqueoesofágica ou que não abordavam o tema, e artigos repetidos nas bases de dados selecionadas, resultando no objetivo de pesquisa.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A atresia esofágica congênita é uma malformação que ocorre devido a erro na separação ou mau desenvolvimento do intestino anterior, gerando apresentações anatômicas distintas, com ou sem FTE (PIRO E, et al., 2018). Dessa forma, a classificação foi desenvolvida mediante a localização do sítio acometido com observação da associação da fístula traqueal, por Gross (1953), subdividido-a em cinco descrições

(PAROLINI F, et al., 2017). Assim, segundo essa classificação, Gross A apresenta EA isolada sem TEF, com prevalência de 7%; Gross B, EA com TEF proximal, ocorrendo em 2%; Gross C, EA com TEF distal, de maior prevalência com 86%; Gross D, EA com TEF proximal e distal, com 1%; Gross E, TEF sem atresia ou com TEF do tipo H, com 4% (**Figura 1**) (PARDY C, et al., 2019).

Figura 1 – Classificação de Gross para atresia esofágica com ou sem fístula traqueoesofágica e suas respectivas prevalências



Fonte: Dados extraídos de PARDY C, et al., 2019; PAROLINI F, et al., 2017; FRIEDMACHER F, et al., 2017.

A suspeição de AE durante o pré-natal é marcado por ausência ou por pequena bolha gástrica combinado com polidramnia com ou sem restrição de crescimento em exames ultrassonográficos (US) – sinais considerados mais sensíveis, porém, também, podem estar presentes escassez de líquido no intestino fetal e dilatação de coto esofágico proximal (CARTABUKE RH, et al., 2016). Ademais, outro possível achado é o sinal da bolsa, que consiste em bolsa com terminação cega presente no pescoço fetal ou no mediastino, a partir da 26ª semana de gestação (PAROLINI F, et al., 2017).

Os recém-nascidos com anomalia, em curto prazo, apresentam clinicamente dispneia, cianose, sialorreia, engasgos e vômitos, além de distensão ou escavamento abdominal e roncospasmos disseminados ou estertores subcrepitantes à ausculta pulmonar (DONOSO F, et al., 2016).

DISCUSSÃO

O diagnóstico ultrassonográfico realizado no pré-natal tem baixa precisão para identificar a AE, sendo apenas 10% a 50% dos casos detectados, associado à alta taxa de falso-positivo (PAROLINI F, et al., 2017). A pouca sensibilidade e inespecificidade dos sinais, ao nível da manifestação mais sugestiva – polidramnia – está presente em torno de 10% das gestações, entretanto a ressonância magnética e a análise do líquido amniótico possuem alta precisão (PARDY C, et al., 2019).

O tratamento consiste em reparo cirúrgico através da ligadura e secção da fístula, seguido de anastomose primária do esôfago, contudo, casos complexos, a conduta é individualizada (FRIEDMACHER F, et al., 2017). Todavia, em longo prazo, mesmo após tratamento cirúrgico, podem apresentar doenças do refluxo gastroesofágico, metaplasia intestinal, deglutição anormal, dismotilidade esofágica, esofagite, FTE persistente, infecção recorrente do trato respiratório inferior e pneumonias recorrentes (CARTABUKE RH, et al., 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido às limitações apresentadas pela ultrassonografia, diante da suspeita de atresia esofágica, aconselha-se realizar a ressonância magnética e a análise do líquido amniótico por apresentar maior precisão. Outrossim, salienta-se a necessidade de acompanhamento do neonato após o tratamento cirúrgico inicial, visto que, há grandes chances de complicações advindas da malformação ou do reparo. Portanto, indivíduos acometidos necessitam de atenção e cuidado especializados ao longo da vida, a fim de ofertar um prognóstico favorável para o mesmo.

REFERÊNCIAS

1. DONOSO F, et al. Outcome and management in infants with esophageal atresia – A single centre observational study. *Journal of pediatric surgery*, 2016; 51(9): 1421-1425.
2. CARTABUKE RH, et al. Long-term esophageal and respiratory outcomes in children with esophageal atresia and tracheoesophageal fistula. *Gastroenterology report*, 2016; 4(4): 310-314.
3. FRIEDMACHER F, et al. Postoperative complications and functional outcome after esophageal atresia repair: results from longitudinal single-center follow-up. *Journal of Gastrointestinal Surgery*, 2017; 21(6): 927-935.
4. PARDY C, et al. Prenatal detection of esophageal atresia: A systematic review and meta-analysis. *Acta Obstetrica et Gynecologica Scandinavica*, 2019; 98(6): 689-699.
5. PAROLINI F, et al. Preoperative management of children with esophageal atresia: current perspectives. *Pediatric health, medicine and therapeutics*, 2017; 8:1-7.
6. PIRO E, et al. Etiological heterogeneity and clinical variability in newborns with esophageal atresia. *Italian Journal of Pediatrics*, 2018; 44(1):1-6.

RESUMO EXPANDIDO: Estudo de Caso

Título: Alternativa terapêutica para o tratamento de micetoma por actinomadura spp com o objetivo de minimizar risco de lesão renal em paciente suscetível

Autor/coautores: Katyana Medeiros de Araújo, Clara Wilma Fernandes Rosendo, Gianluca Gomes Siébra, Letícia de Freitas Barradas, Eveline Pipolo Milan.

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal-RN

Palavras-chave: Micetoma, Antibacterianos, Medicina Clínica.

INTRODUÇÃO

O micetoma caracteriza-se por uma infecção crônica localizada na pele e no tecido subcutâneo. Dois grupos de microrganismos estão envolvidos na etiologia: eumicetoma (fungos) e actinomicetomas (bactérias actinomicetos) (VERMA P e JHA A, 2019).

A apresentação clínica é dinâmica, com a formação de áreas de abscessos com exsudato purulento e fístulas que expelem grãos, que podem ser analisados na biópsia, pois a inspeção visual isolada não possui acurácia suficiente (FAHAL AH, et al., 2018). Após a entrada do microrganismo no tecido subcutâneo, há a formação de colônias granulosas pela multiplicação fúngica ou bacteriana. Essa infecção pode acometer estruturas adjacentes e, como uma das principais complicações, ocorre destruição do tecido óssea (Focaccia, R; Veronesi, R.,2015). O período de incubação pode variar de semanas, meses e até anos (REIS CMS e REIS-FILHO EGM, 2018).

Existe pouca documentação de casos de micetoma na literatura médica, porém é uma doença que pode gerar sérios agravos, como a amputação de membros inferiores, especialmente os pés, pelo contato direto com o solo. Diante disso, salienta-se a importância do diagnóstico correto e de considerar o micetoma como um problema de saúde pública, visando evitar quadros sérios e inviáveis do ponto de vista clínico (REIS CMS e REIS-FILHO EGM, 2018).

OBJETIVO

Relatar uma terapêutica alternativa em um caso raro de micetoma por Actinomadura spp em um paciente idoso; descrever um caso raro de micetoma por Actinomadura spp; evidenciar a importância de se reconhecer um caso clínico incomum; e chamar a atenção para o diagnóstico de uma doença infecciosa rara.

ESTUDO DE CASO

Esse estudo foi aprovado pelo comitê de ética (CAAE 37773020.8.0000.5292 e n°do parecer 4.300.72) e foi aplicado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao paciente, de acordo com as normas de ética.

APS, homem, 62, agricultor. Apresenta quadro de micetoma no pé esquerdo há 18 anos, secundário a ferimento com farpa de madeira, com diagnóstico etiológico de Actinomadura ssp. Ao longo desses anos, diversos tratamentos com antimicrobianos foram tentados, mas nenhum obteve melhora efetiva com resolução do quadro. No exame físico (início de 2019), paciente apresentava uma lesão muito exuberante no pé esquerdo, com tumefação dolorosa abrangendo todo o pé, com orifícios de fístulas na região dorsal apresentando eliminação de secreção serosa e grãos branco-amarelados. O paciente trouxe exame anatomopatológico sugestivo de Actinomyces; cultura positiva para Actinomadura ssp.; RMN do ante-pé

esquerdo com lesão infiltrativa circundando o 1o, 2o e 4o metatarsos e infiltração óssea do 4o metatarso e extensão para região plantar, presença de osteófitos marginais e menor espaço articular. Devido ao intenso comprometimento e às diversas falhas de tratamento farmacológico, foi recomendada a amputação do pé. Entretanto, foi realizada nova tentativa antes de indicar a cirurgia. Nesse momento, o tratamento farmacológico recomendado seria o uso de aminoglicosídeos (nefrotóxico), porém como o paciente é idoso, optou-se por um tratamento *off-label* com a busca de uma associação menos tóxica para o paciente e que abrangesse a sua osteomielite, sendo: dapsona + rifampicina + sulfametoxazol/trimetoprim, por 24 a 36 meses, e, a depender da resposta ao tratamento clínico, poderia se recorrer a intervenção cirúrgica. Durante os primeiros meses de tratamento, o paciente apresentou melhora significativa do quadro, com remissão da dor e da drenagem de secreção no pé esquerdo. Portanto, evidencia-se que o tratamento *off-label* estabelecido constitui uma alternativa terapêutica eficaz no caso de *Actinomyces ssp.*

DISCUSSÃO

A identificação do agente etiológico do micetoma é fundamental para o tratamento das lesões e para evitar a progressão, o agravamento do quadro (AHMED AA, et al., 2017) (SANTIAGO TA, et al., 2019). Quanto ao tratamento de micetoma, diversas terapêuticas são relatadas na literatura médica e não existe um protocolo estabelecido para pacientes suscetíveis à lesão renal. No estudo em questão, optou-se por um tratamento *off-label* com a busca de uma associação menos tóxica, tendo em vista as falhas terapêuticas anteriores, a idade do paciente e o risco de nefrotoxicidade. Sendo assim, a conduta adotada pode ser uma alternativa viável no grupo em questão. Entretanto, enfatiza-se a necessidade de maior quantidade de ensaios clínicos para uma definição mais adequada do tratamento a ser estabelecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o caso clínico apresentado, observa-se a importância do reconhecimento do caso abordado pelo médico generalista, de forma a providenciar diagnóstico e tratamento precoces, evitando assim quadros graves e potencialmente danosos.

Dessa maneira, considerando a eficácia demonstrada por esse tratamento *off-label* no presente relato, manifesta-se a necessidade de mais estudos visando a ampliação do acervo terapêutico e permitindo, dessa forma, a atenuação de complicações como dano renal e amputação.

REFERÊNCIAS

1. AHMED AA, et al. Mycetoma laboratory diagnosis: Review article. PLoS Negl Trop Dis. 2017; 11(8): e0005638.
2. FAHAL AH, et al. Mycetoma: The Spectrum of Clinical Presentation. Trop Med Infect Dis. 2018; 3(3): 97.
3. REIS CMS, REIS-FILHO EGM. Mycetomas: an epidemiological, etiological, clinical, laboratory and therapeutic review. An Bras Dermatol. 2018; 93(1): 8-18.
4. VERMA P, JHA A. Mycetoma: reviewing a neglected disease. Clin Exp Dermatol. 2019; 44(2): 123-129.
5. SANTIAGO TA, et al. Keratinocyte infection by *Actinomyces madurae* triggers an inflammatory response. Trans R Soc Trop Med Hyg. 2019; 113(7): 392-398.
6. FOCACCIA R, VERONESI R. Tratado de Infectologia - Volume 2 – 5ª edição, Editora Atheneu, São Paulo, 2005.

RESUMO EXPANDIDO: Estudo de Caso

Título: Osteossíntese de fratura complexa de mandíbula: estudo de caso

Autor/coautores: Ândresson Aurélio Fernandes Martins, Fred Remerson Silva Nunes.

Instituição: Universidade Federal do Piauí, Teresina – PI.

Palavras-chave: Fixação Interna; Fraturas Mandibulares; Cirurgia Oral.

INTRODUÇÃO

O trauma é consequência de uma força capaz de gerar alteração funcional e anatômica em determinada região no corpo humano. O trauma de face (ou bucomaxilofacial) diz respeito aos ferimentos físicos que comprometem estruturas anatômicas nos diferentes terços faciais, sendo capazes de produzir lesões em tecido mole e estruturas ósseas (RODRIGUES RD, et al., 2018).

A face é um conjunto de ossos articulados entre si, sendo a mandíbula o único osso móvel, a qual, ainda, apresenta papel fundamental em inúmeros processos fisiológicos, auxiliando, também, na estabilidade das relações de oclusão, ocupando, juntamente à maxila, a maior porção óssea da face. Devido sua topografia, anatomia e projeção no terço inferior da face, é frequentemente acometida por traumas que resultam em fraturas, sobretudo durante acidentes em trânsito ou agressões físicas (ARANTES ER, et al., 2019).

As fraturas mandibulares podem ser classificadas segundo sua etiologia em fraturas de alta e baixa energia cursando, respectivamente, com condições de fraturas com grandes deslocamentos, fragmentações e perda de substância ou fraturas simples, lineares, sem grandes deslocamentos (RODRIGUES RD, et al., 2018). Lesões por projéteis de arma de fogo (PAF), geralmente, envolvem impactos com alta energia, representando as principais causas que levam à fragmentação múltipla da mandíbula, gerando fraturas cominutivas.

OBJETIVO

Analisar um caso clínico do tratamento cirúrgico de uma fratura complexa na região de mandíbula por meio de osteossíntese utilizando mini-placas e parafusos dos sistemas 2.0 mm e 2.4 mm.

ESTUDO DE CASO

Paciente do sexo masculino, 65 anos, foi encaminhado ao Serviço de Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofaciais de hospital referência em trauma na região Nordeste, vítima de agressão por PAF. O paciente declarou estar de acordo com o uso de imagem para publicação do estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Clinicamente, o paciente apresentava fratura mandibular como queixa principal, além de limitação de abertura bucal, desvio mandibular, lesões em face e dor. Prosseguiu-se com a realização de exames de imagem e, dessa maneira, o exame tomográfico revelou traços de fratura complexa em mandíbula envolvendo região de corpo bilateralmente, apresentando fratura cominutiva em corpo mandibular esquerdo.

Partindo disso, propôs-se um plano de tratamento baseado em redução cruenta e fixação com placas e parafusos de titânio em ambiente hospitalar. Sob anestesia geral e intubação nasotraqueal o paciente foi submetido ao procedimento cirúrgico, ainda, com auxílio de acesso submandibular, o qual permite a obtenção de campo de visualização amplo e direto da região traumatizada e exposição das fraturas. As fraturas foram reduzidas e estabilizadas durante o transcirúrgico, sendo instalados de parafusos autoperfurantes e fios de aço na maxila e na mandíbula para realizar o bloqueio maxilomandibular anterior ao procedimento cirúrgico,

utilizando como guia a oclusão máxima mais estável do paciente.

A fixação foi realizada com placas dos sistemas 2.4mm e 2.0mm, sendo o sistema 2.4mm aplicado à região onde houve fratura cominutiva com o objetivo de garantir melhor estabilidade e reconstrução anatômica. Por fim, realizou-se sutura dos tecidos por planos. A tomografia pós-operatória permitiu observar boa adaptação dos segmentos ósseos e das placas de fixação, bem como um contorno mandibular favorável.

DISCUSSÃO

A literatura permanece controversa no que tange às abordagens ao tratamento de fraturas cominutivas em mandíbula, pois, historicamente, foi preconizado o tratamento conservador baseado na viabilidade dos fragmentos ósseos assegurada pelo contato periosteal sem necessidade de exposição dos fragmentos. As principais complicações durante o tratamento dessas fraturas – quando redução e estabilização ocorrem por método fechado – são as infecções pós-operatórias, derivadas da desvitalização dos tecidos periosteais responsáveis pela nutrição mandibular (SAMMAN M, et al., 2018). Para evitá-las, a área cominuída deve apresentar condição necessária para cicatrização adequada através de bloqueio maxilomandibular (RODRIGUES RD, et al., 2018), utilizando barras e fios intermaxilares, como abordado pelo procedimento relatado neste trabalho. Ademais, é válido destacar que as placas do sistema 2.0mm permitiram adequada redução dos fragmentos pela simplificação da fratura. A fixação com sistema 2.4mm foi aplicada à região cominuída respeitando o princípio *load-bearing*, onde a placa é responsável, integralmente, pela fixação dos fragmentos e sustentação da carga funcional mastigatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fixação interna rígida através da redução aberta e sistema *load-bearing* tem demonstrado eficiência na estabilização e na consolidação da fratura, além de apresentar efeitos benéficos sobre o período pós-operatório do paciente, permitindo rápido retorno à função fisiológica normal, otimização dos resultados do tratamento e redução de complicações. No caso relatado pelo presente trabalho não foram observadas complicações pós-operatórias sendo os resultados, portanto, considerados satisfatórios, possibilitando a reabilitação funcional e adequada do paciente.

REFERÊNCIAS

1. ARANTES ER, et al. Tratamento Cirúrgico de Fratura Cominutiva de Mandíbula: Relato de Caso. *International Journal of Science Dentsitry*, 2019; 51(11): 52–61.
2. DANTAS A CGC, et al. Comminuted mandible fracture by firework. A case report. *Brazilian Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*, 2018; 18(3): 17–21.
3. JUNIOR RC, et al. Comparison of a 2.0-mm locking system with conventional 2.0- and 2.4-mm systems in the treatment of mandibular fractures: a randomized controlled trial. *Oral Maxillofacial Surg*, 2017; 21(3): 327-334.
4. LUZ JG DE C, et al. Factors contributing to the surgical retreatment of mandibular fractures. *Brazilian Oral Research*, 2013; 27(3): 258–265.
5. RODRIGUES RD, et al. Manejo cirúrgico de fratura de mandíbula: relato de caso. *RFO UPF*, 2018; 23(3): 343–347.
6. SAMMAN M, et al. Incidence and Pattern of Mandible Fractures in the Madinah Region: A Retrospective Study. *J Nat Sci Biol Med*, 2018; 9(1): 59–64.

AGRADECIMENTOS

Parceria



Patrocinador

